

OS POEMAS DE ESTRATÃO DE SARDES

Frederico Lourenço
Universidade de Lisboa

A poesia grega teve a distinção de introduzir na literatura europeia o amor entre pessoas do mesmo sexo, mas curiosamente só um poeta, ao que sabemos, elegeu a homossexualidade masculina como tema exclusivo da sua poesia. Trata-se de Estratão de Sardes, um poeta cujos poemas estão coligidos no Livro XII da Antologia Grega e que escreve na tradição epigramática helenística, portanto pós-clássica; poeta de que os leitores das *Memórias de Adriano* de Marguerite Yourcenar talvez se lembrem, em virtude de aparecer como o literato dissoluto que dá a conhecer os bordéis de rapazes em Alexandria ao imperador Adriano. É provável que Estratão tenha vivido no séc. II, como a proposta ficcional de Yourcenar sugere. Mas o certo é que não sabemos quando viveu. O grande helenista britânico Sir Denys Page opinou que Estratão poderá ter vivido em qualquer um dos primeiros três séculos da era cristã¹. O único dado, ainda que vago, que nos permite situar Estratão no séc. II d.C. é o facto de se ter notado, já no século anterior, um surto de literatura erótica, tanto em língua grega como em língua latina, que explorou certas situações que poderiam ser consideradas pornográficas – do *Satyricon* de Petrónio aos *Amores* de Pseudo-Luciano. Todavia, é curioso notarmos que, enquanto certa literatura do séc. II assumiu uma atitude permissiva em relação à homossexualidade, a filosofia, por seu lado, tornou-se mais relutante em aceitar a superioridade do amor dito "socrático", e tanto Plu-

¹ Cf. D. L. Page, *The Epigrams of Rufinus*, Cambridge, 1978, p. 25.

tarco como Frontão, ambos autores de discursos sobre o amor, se nos mostram pouco convencidos das virtudes filosóficas do homoerotismo.

Existe, ainda, outro problema que dificulta o estabelecimento da cronologia de Estratão: o facto de os epigramatistas gregos terem utilizado a técnica de glosar composições e motes de outrem, técnica próxima daquela que os poetas do nosso *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* praticaram. Muitos dos temas que vamos encontrar em Estratão já haviam sido tratados por poetas anteriores, como Meleagro, Calímaco e outros. Esta técnica explica, também, o facto de os 94 epigramas de Estratão se cingirem a uma escassa meia dúzia de temas dominantes, ainda que estes se subdividam e, de certa maneira, acabem por se escamotear em transições incertas de um grupo temático para outro.

Antes de prosseguirmos, é necessário clarificarmos a terminologia que utilizarei, pois a maneira como os gregos viam a homossexualidade masculina era diferente, na sua essência, da nossa, dado que, a julgar pelos testemunhos literários e pictóricos, a homossexualidade nunca era entendida como actividade sexual entre homens da mesma idade, mas como um esquema de comportamento sexual em que só o parceiro mais novo desempenhava o papel passivo, deixando-se penetrar pelo parceiro mais velho em actos de sexo anal, oral e intercrural (ou seja, em que a fricção sobre o pénis é exercida pelas coxas apertadas do interveniente passivo). A este interveniente passivo dava-se o nome de "amado"; e ao parceiro activo, a quem incumbia a penetração, dava-se o nome de "amante". A poesia grega codificou de forma bastante uniforme o que se esperava de um e de outro; e em nenhum autor vemos esse código explicitado com tanta clareza como em Estratão.

I. O Amado

O tema da idade e da beleza transitória do amado é aquele que está numericamente mais representado na obra de Estratão, com cerca de vinte epigramas². Embora o poeta afirme (XII.4) que a idade em que o adolescente é mais desejável é aos dezassete anos, é difícil estabelecer a altura do seu desenvolvimento físico em que o jovem estaria no auge da sua atracção sexual. Os poetas da Antologia Grega dizem-nos de maneira inequívoca que, à medida que a pilosidade do adoles-

² Cf. XII 4, 16, 21, 176, 186, 191, 193, 195, 205, 215, 224, 228, 229, 234, 235, 248, 251, 255.

cente vai aumentando, a sua atracção sexual vai diminuindo. Grande parte dos epigramas subordinados a este tema apresentam-nos um amante desolado e, talvez, um pouco repugnado pela chegada de pêlos vários em partes diferentes do corpo do amado. (Os pêlos púbicos, porém, não são objecto de queixa.) O aparecimento da barba é tido como o momento decisivo, a partir do qual o papel de amante "passivo" é, além de indesejável, moralmente condenável. Num poema (XII.228), o amante convence o amado de que a idade em que ele está é a idade própria para aceitar o papel passivo; por outro lado, noutro epigrama (XII.225), há um amante que acusa outro de manter relações com amados demasiado velhos. Os pêlos são referidos de muitas maneiras: como um castigo que Némesis dá aos rapazes arrogantes (XII.186, 193, 229); como a razão pela qual ontem o amado era Troilo e hoje é Príamo (XII.191). "Assim como uma linda flor murcha com o calor, a beleza murcha com um pêlo" (XII.195).

A insistência neste tema (que já aparece, aliás, em Teógnis 1327 sq.) por parte de Estratão é muito menor do que a dos poetas alexandrinos, para quem a pilosidade do amado era uma questão fundamental (cf. Meleagro, XII.41). O facto de os pêlos representarem um problema tão importante nesta poética é porventura resultante da prática corrente nos balneários de rapar as partes do corpo mais susceptíveis de apresentar uma pilosidade excessiva, tornando aquilo que era uma penugem em "barba". Há um epigrama (XII.215) de Estratão que fala, não de pêlos, mas sim de "barba dura". Embora não fiquem dúvidas quanto à importância que o amante greco-romano dava a este assunto, Estratão surpreende-nos, todavia, com dois epigramas nos quais o amante afirma que, mesmo que o amado seja peludo, continuará a amá-lo (XII.10 e 178).

Quanto às preferências no que diz respeito ao aspecto físico do amado, o amante do epigrama XII.244 diz que os loiros o fazem derreter³, mas também gosta dos pálidos e dos "melados"; em XII.5, os olhos negros e cintilantes são tidos como os mais atraentes. No entanto, o amante de XII.198 diz que, desde que sejam novos, gosta de todos. A simplicidade preconizada pelo amante de XII.192, por ser próxima do *Persicos odi, puer, apparatus* de Horácio (Odes, I.38) e de

³ Cf também Meleagro, XII.72. Quanto à noção de "derreter", já Píndaro dela se socorre ao descrever o efeito que sobre ele tem a beleza de jovens atraentes ("mas eu derreto como cera das sagradas abelhas ao ver a juventude dos rapazes", fr. 123 Maehler, 10-12).

um epigrama afim de Marcial⁴, merece ser referida: "Não me interessam cabelos compridos e penteados ensinados pela arte em vez de pela natureza; mas gosto do suor de um rapaz acabado de sair do ginásio e da cor que um pouco de azeite dá aos seus membros. O meu amor é suave quando não é embelezado. A beleza artificial é obra daquela fêmea de Pafos".

Estratão evita a monotonia no tratamento destes temas com engenho e economia – o epigrama com maior número de versos tem apenas quatro dísticos elegíacos. Vejamos, por exemplo, o epigrama XII.176: "Porque estás vestido dessa maneira triste até aos tornozelos, ó Menipo, quando antes usavas a túnica acima dos joelhos? Ou porque passas por mim sem dizer nada? Eu sei o que me escondes. Chegaram aqueles de que eu te falava" (= os pêlos).

O tema da beleza transitória do amado é uma preocupação constante em Estratão, apesar de termos visto que dois epigramas insólitos escapam à regra. Mas esta não é a única preocupação dos amantes: o comportamento do amado também se pode tornar problemático, e a obra de Estratão mostra-nos frequentemente um amante queixando-se de o amado ser demasiado frígido ou demasiado "sabido". Outras vezes o amado é acusado de se entregar à prostituição.

Nos epigramas onde o poeta se queixa da frigidez ou indiferença do amado, lembra ao adolescente que os seus "dias imberbes" estão contados (XII.21), e que mais tarde será ele (o jovem) a pedir favores a outros (XII.16). Em XII.185, o poeta queixa-se (embora sarcásticamente) de adolescentes orgulhosos que estão lá tão alto que só servem para os abutres e os corvos comerem. É de notar, em XII.188, a semelhança com um dos poemas que Catulo dirige a Juvêncio (*Carmina* 99), em que o adolescente fica ofendido pelo amante lhe ter dado um beijo. Eis a versão de Estratão: "Se eu te fiz mal beijando-te, e se consideras isso uma ofensa, então beija-me também para me castigares". Note-se que Estratão diz num dístico elegíaco o que Catulo diz em oito; mas não queiramos, por outro lado, comparar a *secura* um pouco abrupta do poeta grego com o exímio requinte do latino.

Outras vezes é a inocência fingida do amado que o amante critica (XII.211). Em XII.203, Estratão descreve as manhas do amado: "Beijas-me quando eu não quero; quando eu te beijo não queres. Quando fujo és fácil; quando ataco és difícil". Um meio-termo feliz é, todavia,

⁴ Cf. Marcial X1V.205: *Sit nobis aetate puer, non pumice lenis, / propter quem placeat nulla pella mihi.*

proposto em XII.200, cujo último dístico diz "quero um amado que saiba dar-se e que saiba não se dar".

O tema da prostituição masculina faz a sua primeira aparição, na literatura clássica, no discurso *Contra Timarco* de Ésquines⁵. Este discurso mostra-nos a desaprovação que os gregos sentiam face a tal prática. Já mais próximo do mundo que Estratão terá conhecido, a *Vida de Alexandre Severo* de Lamprídio menciona, em vários passos, os jovens *exsoleti* que se entregavam à prostituição, dizendo-nos que estes pagavam impostos como quaisquer outros "profissionais" (XXIV.4). O historiógrafo da *Historia Augusta* apresenta a prostituição masculina como uma espécie de praga na época imperial romana e descreve as medidas tomadas pelo imperador para limitar tal actividade (XXXIV.4).

É interessante notar que, na Antologia Grega, o tema da prostituição masculina aparece em Estratão, mas não nos poetas helenísticos, à excepção de Calímaco, que lhe dedica dois epigramas⁶. O tema é referido por Estratão em quatro epigramas. Em XII.212, o amante lamenta-se de o amado já não se contentar com uma fatia de bolo: já quer dinheiro. Outro epigrama (XII.237) mostra-nos o amante a dizer ao amado que sabe tudo: "sei onde, como, com quem, e quanto".

Em XII.239 aparece-nos uma referência mitológica, rara em Estratão: "Queres cinco? Dar-te-ei dez. Queres vinte... não te chega o ouro? Chegou para Dânae". O epigrama XII.214 também é curioso: "Dá, e toma a moeda. Dirás: 'sou rico'. Então, como um rei, faz-me um presente do favor". O cliente-amante quer esquecer o verdadeiro estatuto do seu amado...

II. O amante

A frustração visível na reincidência da desilusão e do queixume nos exemplos anteriores está também presente nos epigramas em que o poeta-amante descreve, não a pilosidade ou o mau comportamento do amado, mas sim o seu próprio papel como amante "activo" e os problemas que aí se lhe deparam.

Para aquele que desempenha o papel activo na relação, o maior problema é (para dispensarmos rodeios) a impotência. Curiosamente, este tema está ausente nos epigramas homoeróticos helenísticos; só nos aparece três vezes em Estratão e uma vez em Esquitino (XII.232),

⁵ Cf. K. J. Dover, *Greek Homosexuality*, London, 1978, pp. 19-42.

⁶ Cf. Calimaco, epigramas XII.43 = 28 Pfeiffer; XI.148 = 32 Pfeiffer.

autor de dois epigramas do Livro XII da Antologia Grega. Em XII.11, Estratão alude à impotência servindo-se de um eufemismo literário e de um trocadilho com o nome "Astíanax" ("alfa privativo" + *stúein* "erguer"): "Ontem passei a noite com Filóstrato, mas fui incapaz – apesar de ele (como direi?) estar disposto. Amigos, já não me podereis considerar um dos vossos, mas atirai-me da torre abaixo, já que me tornei um verdadeiro Astíanax". Não menos incisivo é XII.240: "Já tenho os cabelos cinzentos sobre a testa e o pénis inerte entre as coxas; os testículos já não servem para nada, e a velhice difícil domina-me. Ai de mim, que sei enrubar, mas não consigo".

Outro problema para o amante é o pai do rapaz cobiçado. Em XII.8 o poeta tenta meter conversa com um jovem vendedor de rosas "no lugar onde tecem coroas de flores". O adolescente, porém, cora até ficar mais vermelho que as rosas e diz: "desaparece antes que o meu pai te veja". O amante compra umas coroas como subterfúgio, e, chegado a casa, oferece-as aos deuses, suplicando-lhes que lhe dêem o jovem. Em XII.253, o amante (embriagado) jura que, se o jovem que troçou dele não estivesse ao lado do pai, tê-lo-ia violado. O epigrama XII.231 faz menção de um adolescente felizardo porque, estando apaixonado, morreu o pai. A referência mais picante ao pai do amado encontra-se em XII.189: "Quem te coroou a cabeça de rosas? Se foi o teu amante, abençoado seja ele. Mas se foi o teu pai, então ele também tem olhos".

Até aqui temos visto os entraves que se colocam no caminho que o amante tem de percorrer para satisfazer o seu desejo. Aquilo que o atrai no rapaz desejado não é a esperança de colmatar necessidades afectivas, nem a vontade de construir uma relação mais ou menos duradoira. Tudo é transitório: uma vez atingido o contacto sexual com o amado, o poeta trata logo de procurar outro. Tanto a sua virilidade como a beleza do rapaz têm os dias contados; por isso não nos espanta que os praticantes do amor que Estratão descreve tenham um *modus uiuendi* um tanto... agitado. A promiscuidade libertina é, de facto, uma característica bem patente na poética de Estratão. No epigrama XII.226, o amante chora a noite inteira porque o amado partiu para Éfeso⁷; mas diz que, se ele não voltar depressa, não será capaz de lhe ser fiel. Outros epigramas apresentam-nos situações afins: o poeta não é capaz de passar por um rapaz bonito sem se virar para ver melhor

⁷ Os poucos topónimos que encontramos em Estratão são da Ásia Menor: Esmirna (XII.193, 202); Sardes (XII.202).

(XII.227); outras vezes basta-lhe olhar para a cara, já não precisando de avaliar a qualidade do traseiro (XII.223); no epigrama XII.246, o poeta está indeciso entre dois irmãos, mantendo, todavia, relações com ambos; e em dois epigramas o amante louva e cobiça os atractivos do filho do vizinho (XII.205 e 250). O epigrama XII.219 parece sintetizar esta atitude: "Também vós, ó professores, quereis pagamento? Como sois ingratos. Para quê? Achais coisa pequena poder olhar para os rapazes e conversar com eles, e, cumprimentando-os, dar-lhes beijos? Não achais que só isto vale ouro sem conta? Se alguém tiver rapazes bonitos, que os mande para mim, e eu pagarei o que for preciso para os beijar".

Para fugir a este turbilhão de impulsos e frustrações, o amante recorre ao vinho. Em dois epigramas, o poeta confessa que está embriagado: num, vê em duplicado (XII. 199); noutro, é acometido por um ataque de fúria (XII.252). No epigrama XII.175, o poeta, convidado para um simpósio em casa do seu amigo Diofonte, é censurado por ter tomado liberdades com os escravos, e responde: "Quem é que resiste ao amor ou ao vinho? Quem é que não olha curiosamente para rapazes bonitos? Esta é a maneira de ser dos vivos. Mas, ó Diofonte, se quiseses, vai para o sítio onde não há nem amor nem bebedeira, e lá convince Tirésias e Tântalo a beberem contigo, já que um não vê nada, e o outro só pode mesmo ver".

III. Pornografia?

Passemos aos epigramas ditos pornográficos. Em três poemas, o pénis é designado pelo vocábulo *saura* (literalmente "lagarta", como em *dinossau*ro), eventualmente um eufemismo (ou um palavrão?) utilizado no tempo de Estratão. O epigrama XII.3 é de compreensão difícil, mas depreende-se que "lagarta", aqui associada à ideia de masturbação, designa o pénis semi-erecto ou em estado de erecção completa. No epigrama XII.207, o poeta-amante admira a anatomia do amado: "Ontem Díocles fez surgir uma lagarta da banheira, qual Afrodite emergindo das ondas. Se alguém a tivesse mostrado a Páris no Ida, ele teria achado as três deusas menos belas". O pénis aparece, em XII.195, comparado ao pepino; e em XII.7 figura numa espécie de apologia do homoerotismo: "Na rapariga não há esfínter, nem suave simplicidade, nem pele naturalmente perfumada, nem conversa doce e lasciva, nem olhar inocente; quanto mais sabidas, pior! São frígidas no traseiro, e, mais importante ainda, não tens onde pôr uma mão errante".

O ânus é mencionado uma vez por Estratão, no epigrama XII.6: "Cu (*prōktós*) e ouro têm o mesmo valor. Descobri isto directamente, calculando". Aqui, o particípio "calculando" (*psēphízōn*) sugere uma assonância arriscada com "enrabando" (*pugízōn*) que, tendo a mesma quantidade para efeitos métricos, encaixar-se-ia perfeitamente no pentâmetro.

As nádegas figuram em dois epigramas. "Encostas as tuas magníficas nádegas contra a parede. Porque tentas a pedra? É impotente" (XII.213). "Se, no banho, uma tábua beliscou as nádegas de Gráfico, o que eu, homem, não sofrerei... até a madeira sente" (XII.15).

De todos os temas anatómicos, o das coxas é o mais antigo e mais frequente na poesia grega. Lembremos, a título de exemplo, os fragmentos 135 e 136 Nauck de Ésquilo, nos quais Aquiles, perante o corpo de Pátroclo, recorda a "junção sagrada das nossas coxas"; e o fragmento 320 de Sófocles, no qual as coxas de Ganimedes incendeiam Zeus de desejo. No epigrama XII.208, Estratão mostra-se contente pelo facto de o seu livro (o poeta aproveita ao máximo o formato fálico dos livros antigos) ter a oportunidade de tocar nas coxas dos adolescentes que o poisam no colo; e em XII.247, Estratão tenta um trocadilho – que aliás surge também em Dioscórides (XII.37) – com o nome Meríones, suposto amado de Idomeneu.

A actividade sexual descrita por Estratão aparece sob várias formas. O epigrama XII.222 apresenta uma situação frequente nos epigramatistas alexandrinos: um treinador de pugilato aproveita-se da lição para acariciar as "partes baixas" do aluno, mas, no momento de maior entusiasmo, entra alguém que diz "Pára! Estás a sufocar (*pnigízeis*) o rapaz". Obviamente, *pnigízeis* é um trocadilho com *pugízeis* ("enrabas"). Em XII.206 também se exploram as possibilidades eróticas e os equívocos intencionais a que uma lição de pugilato se presta.

O epigrama XII.238 joga com a oposição entre o papel "activo" na copulação e o papel passivo, e descreve uma situação absolutamente única e insólita na literatura grega em que os amantes se revezam nos dois papéis. Em XII.210, surgem novamente os mesmos termos, desta vez, porém, com três participantes.

Convirá referir que Estratão nem sempre opta por esta maneira óbvia de descrever os contactos físicos: há doze epigramas em que toda a carnalidade se resume a beijos⁸.

⁸ Cf. XII.16, 21, 177, 182, 183, 188, 200, 203, 208, 209, 219, 250, 251

IV. Adereços

Falemos agora dos "adereços", mitológicos ou outros, com que Estratão ornamentou os seus epigramas. Para os estudiosos da onomástica mitológica a obra de Estratão oferece pouco material. Ele mesmo o diz em XII.2: "Não procures, nas minhas páginas, Príamo junto do altar, nem as desgraças de Medeia e de Níobe, nem Ito nos seus aposentos e os rouxinóis entre a folhagem; pois os primeiros poetas escreveram sobre estes temas em profusão. Procura, antes, as Graças sorridentes juntamente com o suave Eros e Brómio. A estes não agradam os sisudos".

A índole programática deste poema desaparece, contudo, ao analisarmos os demais epigramas de Estratão. Verificamos que, afirmando o poeta não ter por tema personagens da literatura clássica, mas sim Brómio, é esta a única instância em que o deus Dioniso é mencionado, ao passo que Príamo (e Troilo) aparecem outra vez no epigrama XII.191. Aquiles e Pátroclo são mencionados em XII.217; Idomeneu e Meríones em XII.247; Diomedes e Glauco em XII.175; e, para concluir os nomes homéricos, Tirésias e Tântalo em XII.175. A personificação de Eros surge só mais duas vezes: em XII.4, um adolescente de catorze anos é qualificado como sendo "a doce flor dos Amores"; e em XII.202 há uma alusão a Eros alado. É interessante notar que Estratão não utilizou um dos temas mais frequentes nos poetas alexandrinos, em que Eros aparece como uma criança sentada ao colo de Afrodite, ou então como um arqueiro que, com as suas flechas, fere os corações dos mortais. Calímaco e Meleagro comparam frequentemente o amado a Eros, afirmando que o "segundo" filho de Afrodite é mais belo do que o primeiro⁹

As Graças também são mencionadas em mais dois epigramas: num deles, o poeta-amante diz não ser verdade que as Graças são três e vivem no Orcómeno, pois cinquenta dançam em volta da face do amado, todas elas arqueiras, rapinando as almas dos homens (XII.181); no outro (XII.195), as deusas são referidas a propósito de uns jovens nobres "moldados por Cípris e pelas Graças". Por seu lado, as Musas só surgem uma vez, logo no epigrama inicial, justapostas ao lugar-comum que é a citação da fórmula *Ab Ioue initium* (na versão

⁹ Cf. XII.75, 76, 77, 78. A comparação entre eros e o fogo é um lugar-comum mais que repisado pelos poetas helenísticos, especialmente por Meleagro, que lhe dedica sete epigramas (XII.80, 81, 82, 83, 84, 85, 104). Estratão, porém, mostrando-se mais uma vez insensível aos clichés da Coroa de Meleagro, só utiliza este tema em dois epigramas (XII. 178, 180).

vergiliana) dos Fenómenos de Arato: "Comecemos por Zeus, como disse Arato. Hoje, Musas, não vos incomodarei. Pois se amo rapazes e com eles faço amor, o que têm as Musas do Hélicon a ver com isso?" (XII.1). Depreende-se que, para Estratão, é o amante de Ganimedes, e não as castas irmãs da Piéria, que deve ser invocado como patrono da poesia homoerótica.

Zeus é, sem dúvida, a divindade que figura mais vezes em Estratão; mas se tomarmos por norma os epigramatistas alexandrinos, estranhamos que Estratão não tenha aproveitado mais vezes este motivo. Nos seis epigramas em que Estratão alude a Zeus, o deus é geralmente apresentado como cúmplice do amante, ao contrário daquilo que se nos depara na epigramatística alexandrina, onde Zeus é apresentado como rival (Estratão apenas aborda este tema em XII.194). Como seria de esperar, Ganimedes também está presente em cinco epigramas de Estratão¹⁰. Destes, o mais importante é XII.220, que contém uma interpretação do mito de Prometeu com que o autor do *Prometeu Agrilhado* não concordaria: "Tu não estás agrilhado, ó mal aconselhado Prometeu, por teres roubado o fogo, mas porque estragaste o barro de Zeus. Ao moldar os homens, juntaste pêlos. Daí a barba terrível e as pernas peludas. É por isso que a águia de Zeus, que arrebatou Ganimedes, te devora – pois a barba é um tormento para Zeus também".

Quando falámos do pai do amado, vimos como exemplos dois epigramas (XII.8 e 189): num, o adolescente é vendedor de rosas; no outro, tem na cabeça uma coroa de rosas. Mais dois epigramas fazem alusão, embora de passagem, a esta flor. Perguntar-se-á, com legitimidade, se este tema tem alguma importância de maior: pela parte que me toca, sou tentado a associá-lo ao facto de, desde Meleagro, os antologistas gregos chamarem às suas compilações *stéphanoi* ("coroas"). Pergunto-me, ainda, se, quando Meleagro (XII.52) chama à ilha de Rodes (= Ilha das Rosas) "de belos rapazes", não estará a aludir a qualquer conotação pederasta: é que Rodes faz parte do itinerário do narrador dos Amores de Pseudo-Luciano (capítulos IX, X), onde encontra, como observou Buffière¹¹, um "santuário" pederasta. É de notar, ainda, que em XII.242 o pénis é qualificado com o adjectivo homérico *rododáktulos* ("de róseos dedos"). Uma interpretação plausível para a simbologia da rosa (e de Rodes, a ilha das rosas) poderá rela-

¹⁰ Cf. XII. 194, 199, 220, 221, 254.

¹¹ Cf. F. Buffière, *Eros adolescent. La pédérastie en Grèce antique*, Paris, 1980, p. 484.

cionar-se com a efemeridade da beleza masculina, como diz o epigrama XII.234: "Se te envaideces da tua beleza, fica sabendo que a rosa também floresce, mas, de repente, murcha, e vai para a estrumeira. A flor e a beleza têm a mesma duração, e a ambas murcha o tempo invejoso".

V. Sensualidade (in)consequente

Que impressão nos fica da poética de Estratão? Uma limitação pode ser desde já apontada: o facto de ela ignorar, quase por completo, a dimensão mais elevada de Eros – o amor propriamente dito, que pode estar presente em qualquer expressão erótica, seja qual for o tipo de contacto sexual escolhido. Estratão parece demasiado preocupado com a efemeridade do erotismo fácil, e seria forçado tentar imbuir a sua obra de características "românticas" que ela não tem. Todavia, o epigrama XII.248 parece insurgir-se, de certa maneira, contra a sensualidade inconsequente: "Quem poderá saber se o amado está a envelhecer, se está sempre com ele, e nunca se separam? Como não pode aquele que agradou ontem agradar hoje? E se hoje agrada, porque não há-de agradar amanhã?"

No entanto, será antes o epigrama XII.224 que melhor resume a atitude de Estratão face à sensualidade: "Caminhamos juntos no bom caminho, ó Diófilo, mas reflecte, desde o princípio, como será. Para ambos surgiu algo de efémero: em ti existe beleza e em mim amor – ambos são transitórios. Agora, durante um tempo andam juntos; mas quando menos se espera, voam e desaparecem". Um aspecto interessante é o facto de, neste tipo de vivência da sexualidade, não ficar ao menos a amizade. O amante do epigrama XII. 182 diz categoricamente: "O fogo do amor extinguiu-se, e nem sequer te considero um amigo".

Entre os aspectos positivos da poética de Estratão teremos de mencionar o engenho com que ele renovou os tópicos já cansados da poesia epigramática helenística e a perícia com que, muitas vezes, retomou expressões dos poetas arcaicos. Aliás tanto a erudição como o *wit* são marcantes na obra de Estratão. Veja-se, por exemplo, o modo como, em XII.184, Estratão incrusta duas citações da *Iliada* (Canto XXI, 262; 259) no meio de uma lição de "engate", sendo o sentido das expressões homéricas deturpado para designar a ejaculação e a quantidade de esperma expelida: "Não tentes apanhar Menedemo pela manha, mas faz-lhe um sinal com as sobranceiras, e ele te dirá abertamente: mostra-me o caminho. Não há demoras. Ele vem

mais depressa do que aquele que o monta, não como um riacho, mas como um rio".

Sensualidade inconsequente, mas poesia consequente? Dêmos a palavra final ao poeta (XII.258): "Talvez alguém no futuro, atendendo a estas minhas brincadeiras, pense que estes males de amor foram todos meus. É que eu escrevo a pedido de vários apreciadores de rapazes bonitos, já que um deus me deu este dom".